

14/10/2016 - 05:00

Estrangeiro volta a investir no país

Por **Rodrigo Rocha e Carolina Mandl**

Concluído o processo de impeachment, a perspectiva de maior estabilidade econômica e política começa a destravar o mercado de fusões e aquisições de empresas no Brasil, trazendo de volta principalmente o interesse de companhias estrangeiras em investir no país. Longe de se restringir a ativos com problemas financeiros, o movimento faz parte da estratégia de expansão das grandes companhias globais.

Segundo levantamento da Transactional Track Record (TTR), consultoria especializada no monitoramento de aquisições, em colaboração com a Merrill Corporation, das cinco maiores operações encerradas no Brasil no terceiro trimestre, quatro estavam ligadas à companhias estrangeiras adquirindo negócios no país: CPFL (State Grid), usina Ilha Solteira (China Three Gorges), bloco BM-S-8 da Petrobras (Statoil) e Anglo American Niobio (China Molybdenum Company). A exceção é a compra do HSBC pelo Bradesco.

Grandes negócios

Principais aquisições por estrangeiros no 2º semestre

Alvo da aquisição	Setor	Comprador
CPFL	Energia	State Grid
Duke Energy Paranapanema	Energia	China Three Gorges
Parati	Alimentos	Kellogg
Bloco exploratório BM-S-8 (Bacia de Santos)	Petróleo	Statoil
Novo Transportadora do Sudeste (NTS)	Distribuição	Comércio liderado p
Campe Baiana e Tartaruga Verde	Petróleo	Karoon Gas Australi
Vaupar	Consumo	Ferrex
Operações de Nióbio e Fosfatos da Anglo American	Mineração	China Molybdenum

Foto: Leonardo Vilar/Estadão

De julho a setembro, dos US\$ 98,9 bilhões movimentados em fusões, aquisições e investimentos de venture capital e private equity no Brasil - um avanço de 109% em relação ao mesmo período do ano passado -, cerca de US\$ 46,2 bilhões, ou 46,7%, foram desembolsos de investidores estrangeiros. No acumulado do ano essa participação é de cerca de 40%, com US\$ 79 bilhões, o que mostra o ânimo crescente dos investidores internacionais.

Dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais mostram que de janeiro a junho as compras de empresas brasileiras por estrangeiros representaram 42,1% das operações totais por número, superando os percentuais de aquisições por companhias locais (34,2%), de estrangeiras por brasileiras (15,8%) e entre empresas estrangeiras (7,9%). No primeiro semestre de 2015, as aquisições de estrangeiros representaram 38%.

"O mercado de fusões e aquisições está voltando. Existe uma expectativa agora da retomada do poder aquisitivo, de equalização das perspectivas econômicas", diz Daniel Gunzburger, sócio do escritório Tauil & Chequer Advogados. "Há um crescimento substancial de análises por estrangeiros de M&A [fusões e aquisições]."

Nesta semana teve o anúncio da venda da geradora de energia Duke Energy Paranapanema para a China Three Gorges por US\$ 969 milhões e da compra da fabricante de alimentos Parati pela americana Kellogg's por R\$ 1,4 bilhão.

Uma diferença notada pelos envolvidos neste tipo de operação é que as aquisições mais recentes não se aproveitam apenas de companhias endividadas ou em processo de recuperação, mas integram a expansão das empresas para o mercado brasileiro. "Há, por exemplo, companhias presentes no Brasil interessadas na consolidação no setor, para se beneficiar de escala, vendo oportunidade de compra de uma concorrente", afirma Marcelo Perlman, do PVG Advogados.

Responsável pela área de fusões e aquisições no Bradesco BBI, Alessandro Farkuh, diz que os estrangeiros buscam tanto consolidar uma presença que já têm no Brasil, quanto criar uma plataforma local. "Isso demonstra que a insegurança com o Brasil está deixando de existir."

Setor de energia, que atraiu grupos chineses, envolveu aquisições de CPFL e Paranapanema no trimestre passado

Outros fatores também pesam para o maior volume de recursos estrangeiros no Brasil. Em um momento de restrição de crédito, o maior acesso a fontes de financiamento é um ponto a favor de companhias globais, segundo Marco Gonçalves, chefe da área de fusões e aquisições do BTG Pactual. Para comprar a fatia da Camargo Correa na CPFL, por exemplo, os chineses da State Grid vieram com recursos no bolso, sem a necessidade de usar linhas de financiamento.

Gonçalves explica, porém, que a recente reabertura do mercado de ações voltará a trazer competitividade às companhias brasileiras, já que elas podem captar recursos via bolsa de valores para fazer aquisições. Em setembro, a empresa de software para o varejo Linx captou R\$ 444 milhões por meio de uma oferta de ações com o objetivo de ir às compras.

O setor de energia, desde o final do segundo trimestre, vem atraindo as atenções dos chineses que, além da geradora Paranapanema, compraram a fatia da Camargo Correa na CPFL Energia, numa operação que até o momento movimentou cerca de R\$ 13,5 bilhões. "Era um setor que já vinha sendo estudado desde o ano passado", destaca Gunzburger. A expectativa é de novos negócios no setor de energia nos próximos meses.

Outras áreas que devem movimentar o interesse dos estrangeiros são infraestrutura - pela situação mais delicada das brasileiras do setor -, e petróleo e gás, não só por conta da venda de ativos da Petrobras, mas também por um processo de reorganização das companhias.

"Há também os fundos americanos interessados na área de educação, saúde, tecnologia. E os [fundos] canadenses com interesse na área imobiliária", conta Carlos Lobo, da Veirano Advogados. Apesar de pouco ativos até agora nas compras, a expectativa é que os fundos estrangeiros de private equity também retornem às aquisições.

Tradicionalmente responsáveis por cerca de 30% das transações de fusões e aquisições no Brasil, os fundos de private equity só anunciaram cinco das 38 transações divulgadas no período.

Ver mais em:

[Setor de seguros vive momento aquecido em fusões e aquisições](#)

[Bradesco e Swiss Re fecham negócio em grandes riscos](#)